

**Associação Brasileira de Educação Médica**  
**Série de relatos: “Educação médica em tempos de pandemia”**

**Ricardo Bedirian**, coordenador de Graduação da FCM-UERJ

**Kennedy Kirk**, coordenador adjunto de Graduação da FCM-UERJ

**Julia Berg**, coordenadora do Internato da FCM-UERJ

**Roberta Cobas**, assessora da Coordenação para o Ciclo Clínico da FCM-UERJ

**Sandra Boiça**, assessora da Coordenação para o Ciclo Básico da FCM-UERJ

[graduacao.fcm.uerj@gmail.com](mailto:graduacao.fcm.uerj@gmail.com)

Em 16 de março, quando houve a suspensão das atividades acadêmicas na UERJ, não tínhamos ideia do que viria nas semanas seguintes, nem por quanto tempo perduraria a suspensão. Um curso de graduação na área da saúde enfrenta grandes desafios e dilemas no contexto de uma pandemia e não foi diferente com a Faculdade de Ciências Médicas da UERJ (FCM-UERJ).

Em um primeiro momento, e após reuniões em várias instâncias, acatamos a suspensão de todas as atividades, inclusive as do internato, mesmo com o ato executivo da reitoria, que autorizava atividades dos internos do Centro Biomédico. Cabe ressaltar que em paralelo a todas as discussões na universidade, houve uma sucessão de portarias ministeriais que nos deixavam confusos e que não abrangiam a nossa universidade, por ser da esfera estadual.

Na segunda semana de suspensão das atividades, a reitoria e a pró-reitoria de graduação propuseram que as unidades se utilizassem de mediação digital, a fim de manter contato com os alunos, preservar o bom ânimo, a saúde mental e prover algum material de estudo para manter tanto professores quanto alunos ativos, mas sem qualquer proposta substitutiva de conteúdos presenciais para conteúdo a distância.

Após duas semanas, com a prorrogação da suspensão das atividades pela reitoria, decidimos mobilizar o corpo docente da FCM-UERJ para utilização da mediação digital em atividades de discussão on-line, envio de aulas gravadas, debates, discussões de casos clínicos. Houve alguma resistência e desconfiança por parte dos alunos, que temiam a implantação da modalidade de Ensino a Distância (EAD) pela faculdade, o que foi prontamente desmentido.

**Associação Brasileira de Educação Médica**  
**Série de relatos: “Educação médica em tempos de pandemia”**

Importante ressaltar que a maioria do corpo docente não tinha experiência em atividades acadêmicas por mediação digital, e fomos explorando recursos e possibilidades em conjunto, buscando construir e reencaminhar as atividades em parceria com os alunos, que são periodicamente consultados em reuniões on-line, seja de representantes, seja de turmas inteiras ou mediante questionários digitais.

Sabemos que um dos grandes desafios nesta questão é manter a equidade e o acesso aos conteúdos, ainda mais em uma universidade pública que foi pioneira no sistema de cotas. Fizemos ajustes, reduzindo a quantidade e o tamanho do material enviado, e aguardamos da universidade medidas afirmativas de inclusão digital, já que este recurso será fundamental na formação e na atuação profissional dos graduandos, mesmo após o contexto da pandemia. Dispomos há alguns anos de um laboratório de Telemedicina e Telessaúde, que tinha ações mais voltadas para pós-graduação e extensão, mas que tem buscado atender às novas demandas da faculdade.

Em paralelo a estas ações, as unidades do complexo de saúde da UERJ começaram a se organizar para o enfrentamento da pandemia. Na Policlínica Piquet Carneiro (PPC), foi implementado um programa de triagem e testagem para Covid-19, abrindo oportunidade de voluntariado para a comunidade acadêmica da UERJ, respaldada por ato executivo da reitoria. Esse voluntariado teve grande adesão dos alunos da FCM, contando com o apoio e mediação do Centro Acadêmico Sir Alexander Fleming (Casaf).

Quanto ao internato, no período inicial da suspensão das atividades, foram desenvolvidas atividades de treinamento para uso de equipamentos de proteção individual (EPI) e enfrentamento da pandemia pela Covid-19, por meio de tutorias on-line, com preceptores e pequenos grupos, que discutiam com base em vídeos, casos e artigos, além de conversar com eles sobre as angústias e receios que apresentavam.

Na sequência da tutoria on-line, os internos fizeram treinamento prático de paramentação e desparamentação de EPI, em pequenos grupos, e fizeram uma “ambientação” no cenário do plantão geral do Hospital Universitário Pedro Ernesto (Hupe), visitando o setor, compreendendo como era a rotina e os fluxos, o que reduziu bastante a ansiedade dos internos e os motivou a retornar ao internato.

A decisão de retornar o internato não é algo simples. Motivada pelo fato de nossos internos não poderem ser convocados para a Ação Estratégica “Brasil Conta Comigo” do Ministério da Saúde, pela falta de um regramento específico da esfera estadual, a direção da FCM editou uma portaria interna de voluntariado para os internos. Os alunos tiveram liberdade de escolher dentre um portfólio de atividades presenciais ou remotas. As atividades presenciais somente foram autorizadas para aqueles que cumpriram o treinamento realizado nas semanas anteriores.

**Associação Brasileira de Educação Médica**  
**Série de relatos: "Educação médica em tempos de pandemia"**

As primeiras atividades presenciais oferecidas foram o plantão geral diurno no Hupe, para atendimento de pacientes não-Covid e a triagem da PPC. Em um segundo momento, já mais capacitados para uso de EPI, os internos puderam participar de atividades nas enfermarias que atendem a pacientes com Covid-19.

Entre as atividades remotas, tivemos: telemonitoramento de pacientes dos ambulatórios de várias especialidades, vigilância epidemiológica e participação em levantamento de dados em pesquisas envolvendo pacientes internados com Covid-19. Mais recentemente foi aberta uma frente para estudo da saúde na população negra.

Cabe destacar a importância do engajamento dos alunos, não só do internato, mas de todas as séries, na reflexão e construção de atividades. Uma experiência muito proveitosa cuja ideia surgiu numa reunião com os representantes foram as rodas de conversas de alunos do 5º ano com alunos do 1º ano, compartilhando como foi a experiência deles no primeiro ano, também interrompido no início, no caso deles por conta de greve. Prosseguimos agora propondo atividades com protagonismo dos alunos, cooperando entre si.

Quanto às lições aprendidas:

- saber que algumas ações podem ser urgentes mas não deve ser atropeladas, tudo devem ser bem pensado, planejado e pactuado com todas as partes envolvidas;
- zelar pela saúde física e mental de todos envolvidos;
- cuidar do presente sempre pensando no futuro;
- estar atentos às regras e leis e registrar tudo por escrito.

Quanto ao que fica:

- a mediação digital faz parte do nosso mundo contemporâneo e deve ser utilizada da melhor forma possível e talvez auxilie numa melhora do modelo de ensino, não substituindo as atividades presenciais, mas tornando estas mais proveitosas, interativas e ativas;
- maior parceira ensino-serviço de saúde;
- a criação de espaços de conversa e reflexão entre alunos e professores, reavaliando e aprimorando o processo de ensino-aprendizagem e avaliação.

Quanto à continuidade das atividades:

- residência médica continua, atuando de acordo com as características de cada programa em maior ou menor grau no combate à pandemia em paralelo a atividades de assistência a pacientes de suas especialidades e atividades on-line teóricas e de discussão de casos;

**Associação Brasileira de Educação Médica**  
**Série de relatos: “Educação médica em tempos de pandemia”**

- internato médico: atuando mediante voluntariado nas frentes já citadas anteriormente, com termo de voluntariado assinado, carga horária de 30h semanais, sendo 6h teóricas;
- demais turmas do curso médico: calendário suspenso, apenas participando de atividades extracurriculares on-line e voluntariado.

*Recebido: 20 de maio de 2020.*

